



PAPERS DO NAEA

ISSN 15169111

PAPERS DO NAEA Nº 043

**A MODERNIZAÇÃO DO COLAPSO: A SOCIEDADE INDUSTRIAL
E SUAS CRÍTICAS NO FINAL DO SÉCULO XX**

Franz Josef Brüseke

Belém, janeiro de 1995

O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) é uma das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundado em 1973, com sede em Belém, Pará, Brasil, o NAEA tem como objetivos fundamentais o ensino em nível de pós-graduação, visando em particular a identificação, a descrição, a análise, a interpretação e o auxílio na solução dos problemas regionais amazônicos; a pesquisa em assuntos de natureza socioeconômica relacionados com a região; a intervenção na realidade amazônica, por meio de programas e projetos de extensão universitária; e a difusão de informação, por meio da elaboração, do processamento e da divulgação dos conhecimentos científicos e técnicos disponíveis sobre a região. O NAEA desenvolve trabalhos priorizando a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Com uma proposta interdisciplinar, o NAEA realiza seus cursos de acordo com uma metodologia que abrange a observação dos processos sociais, numa perspectiva voltada à sustentabilidade e ao desenvolvimento regional na Amazônia.

A proposta da interdisciplinaridade também permite que os pesquisadores prestem consultorias a órgãos do Estado e a entidades da sociedade civil, sobre temas de maior complexidade, mas que são amplamente discutidos no âmbito da academia.

Papers do NAEA - Papers do NAEA - Com o objetivo de divulgar de forma mais rápida o produto das pesquisas realizadas no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e também os estudos oriundos de parcerias institucionais nacionais e internacionais, os Papers do NAEA publicam textos de professores, alunos, pesquisadores associados ao Núcleo e convidados para submetê-los a uma discussão ampliada e que possibilite aos autores um contato maior com a comunidade acadêmica.



Universidade Federal do Pará

Reitor

Marcos Ximenes Ponte

Vice-reitor

Zélia Amador de Deus

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos

Diretor

Francisco de Assis Costa

Diretor Adjunto

Tereza Ximenes Ponte

Conselho editorial do NAEA

Edna Ramos de Castro

Francisco de Assis Costa

Índio Campos

Marília Emmi

Setor de Editoração

E-mail: editora_naea@ufpa.br

Papers do NAEA: Papers_naea@ufpa.br

Telefone: (91) 3201-8521

Paper 043

Revisão de Língua Portuguesa de responsabilidade do autor.

A MODERNIZAÇÃO DO COLAPSO: A SOCIEDADE INDUSTRIAL E SUAS CRÍTICAS NO FINAL DO SÉCULO XX

Franz Josef Brüseke

Resumo:

Neste pequeno texto queremos refletir sobre, por um lado, os escombros teóricos em qual transformaram-se as certas teorias sobre o *capitalismo*, e por outro, tentar, com vontade heurística e otimismo teórico, desenhar em traços gerais algumas perspectivas, em relação com os supostos limites do industrialismo.

Palavras-chave: Modernização. Sociedade Industrial. Críticas.

Introdução

Certos conceitos que a sociologia e a economia empregaram empobreceram, porque perderam a capacidade de distinção. Isto nem sempre têm a sua razão em causas intra-teóricas. Em alguns casos transformou-se simplesmente o objeto do esforço teórico, o que esvaziou de forma despercebida a conceitualização dele até restavam, finalmente, algumas palavras vazias, somente com valor simbólico e sem força teórica.

Neste pequeno texto queremos refletir sobre, por um lado, os escombros teóricos em qual transformaram-se as certas teorias sobre o *capitalismo*, e por outro, tentar, com vontade heurística e otimismo teórico, desenhar em traços gerais algumas perspectivas, em relação com os supostos limites do industrialismo.

Viéses teóricos inteiros que amarravam seu destino com alguns conceitos centrais, entram imprescindivelmente na crise, quando eles ignoram que o seu objeto - no caso da economia e sociologia, um objeto complexo e sempre em movimento - começa fugir do conceito. Assistimos hoje esta derrota de algumas metanarrativas, incapazes de narrar a história real. Isto não quer dizer que a *grande teoria* em si, perdeu a sua função, como alguns dos chamados pós-modernistas levantam, mas sim, quer dizer, que certas teorias com uma grande aceitação até agora, implodiram na medida em que seu objeto se transformou.

O colapso esperado, que não aconteceu

A Segunda Internacional Socialista, teve antes da sua dissolução, no banho de sangue da primeira guerra mundial, uma perspectiva clara: no momento do desmoronamento inevitável da sociedade capitalista deveria surgir uma sociedade diferente, uma sociedade sem classes, igualitária, justa e sem esse automatismo econômico, causa da exploração do proletariado, que Marx analisou como a produção da mais-valia. O capitalismo encontrou nessa perspectiva um limite que dividiu a presença insuportável de um futuro melhor, tão forte era essa convicção, que o líder da socialdemocracia alemã August Bebel ainda esperava durante a sua vida. A ação política das grandes massas operárias guiadas pelos seus sindicatos e o partido dos trabalhadores, o partido socialdemocrata, teve nessa visão o seu papel, porém um papel secundário. A história, desdobrando-se sob os impulsos poderosos de leis infalíveis, garantiria tanto o colapso final do capitalismo quanto o surgimento do *novo tempo*.¹ Muita tinta foi derramada para provar a existência deste limite temporal do *capitalismo*. E o primeiro grande *schisma* ameaçou a unidade dos socialdemocratas da Segunda Internacional quando Eduard Bernstein

filosofou no início de 1896 publicamente sobre a *elasticidade* da sociedade burguesa, questionando, com bons argumentos, essa expectativa de um colapso econômico inevitável da mesma². Até Rosa Luxemburg, uma das lideranças intelectuais da esquerda da socialdemocracia na famosa controvérsia revisionista (*Revisionismusstreit*), não queria abrir mão da necessidade histórica, que garantiria, segundo Rosa Luxemburg, a vitória final da classe operária³. Kautsky, Bebel e Luxemburg mostraram nessa *questão principal* sempre o maior consenso, quando a hora da disputa com os revisionistas chegava, e mostravam-se também como herdeiros fiéis da filosofia hegeliana e seu entendimento do papel da necessidade na história. Ou articularam-se pelo menos como adeptos de uma interpretação de Hegel, que ignorava na dialética da contingência e da necessidade, a primeira⁴. Apesar do fato dessa leitura do Hegel ser legítima e a mais comum, elimina a possibilidade de perceber a sociedade como algo que necessariamente é como ela é, mas que também poderia ser diferente. Mais tarde, Luxemburg mostrou, sob impressão da prisão, da primeira guerra mundial e do desastre da internacional socialista que se dissolveu em fragmentos nacionalistas, encarcerados entre os *limites* dos estados territoriais, mais sensibilidade para a contingência e a catástrofe histórica, em que a oposição anticapitalista desmoronou, mas não o capitalismo.

Sem se deixar impressionar pelos acontecimentos reais, ainda em 1929, economistas como Henryk Grossmann, queriam provar que somente por causa da sua estruturação econômica defeituosa, o desmoronamento do capitalismo era só uma questão de tempo.⁵ Mas o desenvolvimento sócio-econômico já havia fugido do conceito há bastante tempo. De cada crise da sociedade humana deste século, de cada guerra, de cada libertação e cada derrota, levantou-se mais moderno e mais forte, sacudindo a poeira e os seus críticos das suas roupas novas: o *capitalismo*.

1 Die Neue Zeit (O Novo Tempo) era o título da revista teórica da socialdemocracia alemã.

2 As contribuições de Eduard Bernstein, publicadas na *Neue Zeit*, apareceram também na forma de livro. Bernstein, Eduard (1973) *Die Voraussetzungen des Sozialismus und die Aufgaben der Sozialdemokratie* (As pré-condições do socialismo e as tarefas da socialdemocracia). Bonn, Bad Godesberg: Dietz

3 Assim ela argumenta em: Luxemburg, Rosa (1899) *Sozialreform oder Revolution* (Reforma Social ou Revolução). Leipzig

4 Sobre essas duas leituras de Hegel: Weber, Thadeu (1993) *Hegel - Liberdade, Estado e História*. Petrópolis: Vozes, p.17-40

5 Henryk Grossmann (1929) *Das Akkumulations- und Zusammenbruchsgesetz des kapitalistischen Systems* (A lei da acumulação e do desmoronamento do sistema capitalista). Leipzig: Hirschfeld. É bastante curioso que esta obra de 628 páginas apareceu numa série do famoso *Institut für Sozialforschung* (instituto para pesquisa social), sob coordenação de Max Horkheimer.

A generalização do capitalismo

O *capitalismo* teve, no imaginário dos marxistas, um limite no futuro mas também no passado. A passagem da sociedade feudal para a produção fabril e a grande indústria marcava essa cisão. Parece indiscutível que Marx, os historiadores e os economistas que se apoiaram nele, contribuíram bastante para o entendimento do funcionamento da sociedade industrial. Ele descobriu, sem usar este conceito, a racionalidade da empresa moderna⁶, que desencadeou a produção da mais valia-relativa, motor das inovações permanentes tanto no campo da organização do trabalho quanto na tecnologia aplicada.

Aceitando a constatação teórica de uma mudança profunda no *modo de produção* das regiões situadas no centro da Europa, não quer dizer que, o que foi chamado posteriormente de *capitalismo*, caiu do céu. A sociedade industrial em formação foi diferente em alguns campi, mas não foi totalmente oposto as formações históricas anteriores. O capital, já era conhecido na sua forma comercial há milênios e um sistema bancário desenvolvido há séculos. Também o mercado, mecanismo de interligação de produtores distintos, é um fenômeno sócio-econômico arcaico e não característica exclusiva da sociedade moderna, ou se quisermos ainda usar a palavra, do capitalismo.

A grande novidade, no sentido estrito da palavra, era, em meados do século dezenove, o surgimento da grande indústria, processo que mostrou toda a sua força, primeiro, na Inglaterra e França, e depois na Alemanha. Curiosamente cumprimentaram Marx e seus discípulos o desenvolvimento das forças produtivas, como eles denominaram a industrialização crescente, como sinal de um progresso histórico. Além disso, eles queriam ver essas forças produtivas libertadas dos seus entraves, identificadas como relações de produção capitalista. Parece que uma das causas centrais da não-integração do pensamento ecológico pelas correntes neo-marxistas que surgiram nos anos sessenta deste século, tem nessa omissão a sua causa. Marx é um crítico das relações de produção, mas não das forças produtivas. Somente a crítica ecológica contemporânea mostrou, que estes podem se transformar em forças destrutivas, e merecem porém a crítica, tanto teórica como prática.

A modernização do colapso

Onde os economistas, inspirados por Marx, esperavam o *limite* da sociedade moderna, ela não apareceu, o processo de valorização do valor continua, e se importa pouco com suas crises temporárias ou regionais. O livro de Robert Kurz, polêmica brilhante sobre o *colapso da modernização*⁷, tem aqui, a meu ver, um grande defeito. Kurz canta de novo a velha música do fim do

⁶ O conceito da racionalidade e da racionalização crescente, foi explorado por Max Weber, um avanço teórico nos ombros do Marx. Veja diversos escritos do Weber. Entre eles *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, e *Economia e Sociedade*

⁷ Robert Kurz (1992) *O colapso da modernização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra

capitalismo, por causa de uma tendência inerente a ele, de implodir exatamente no momento da generalização do princípio de valorização. A polêmica de Kurz combate o princípio e ignora a realidade.

O que está sendo discutido nos últimos anos, sob o rótulo de globalização, tematiza exatamente isso: a eliminação das últimas ilhas até agora não integradas no grande mecanismo mundial de produzir e consumir. Formas pré-capitalistas desapareceram quase por completo, exceto algumas economias de subsistência em regiões afastadas das grandes aglomerações. Países que queriam implantar uma outra lógica econômica (estatizante, comunista, industrializante) desistiram do próprio modelo, como a ex-união soviética ou tentam hoje, uma integração não-catastrófica na sociedade global, e sua maneira de organizar a economia, como a China, Vietnã, Cuba e outros. O capitalismo está perto de virar o único sistema econômico mundial, ultrapassando todos os limites dos estados territoriais, ainda existentes, mas em fase de corrosão contínua.

Países que tomaram, como o Brasil, o caminho do nacionaldesenvolvimentismo (industrializante, estatizante e nacionalista) confrontam-se hoje tanto com a crise deste modelo, tão prometedora nos anos quarenta e cinquenta⁸, quanto com a necessidade de alcançar a única saída antes que o mecanismo da exclusão feche a porta. Esta saída, incerta e difícil, parece ser, e isto é pouco prosaico nem espetacular, uma segunda onda de modernização ou de racionalização, para usar esse termo de Weber. Quem perde esta corrida, pode tentar, como Cuba, uma modernização do colapso, força para erguer uma alternativa ao modo geral de produzir e consumir dificilmente ele vai ter.

O que chamamos generalização do capitalismo, coloca para os cientistas sociais um problema teórico. Um conceito tem somente um valor analítico, se ele possuir capacidade de diferenciação. Se todos os animais fossem abelhas, poderíamos esquecer o conceito abelha. Se todas as formações sócio-econômicas existentes podem ser caracterizadas como capitalismo, temos que procurar outros conceitos capazes de distinguir entre os fenômenos macrosociais da sociedade global.⁹

⁸ Um dos mentores intelectuais do nacionaldesenvolvimentismo é Prebisch, Raul (1950) *El Desarrollo Económico de America Latina y Algunos de sus Principales Problemas*. Nações Unidas, New York. Veja sobre a breve história do nacionaldesenvolvimentismo brasileiro o livro de Guido Manteiga (1984) *A Economia Política Brasileira*. Petrópolis: Vozes. Os teóricos da dependência (Cardoso., Falletto, Santos, Senghaas etc.) herdaram dos seus precursores a crença que a única garantia de um desenvolvimento dos países *periféricos* seria uma forte intervenção estatal e uma *dissociação* (Senghaas) temporária. Posições que a maioria dos ex-dependendistas hoje não defendem mais.

⁹ “Nesta altura da história, no declínio do século XX e limiar do XXI, as ciências sociais se defrontam com um desafio epistemológico novo. O seu objeto transforma-se de modo visível, em amplas proporções e, sob certos aspectos, espetacularmente. Pela primeira vez, são desafiadas a pensar o mundo como uma sociedade global. As relações, os processos e as estruturas econômicas, políticas, demográficas, geográficas, históricas, culturais e sociais, que se desenvolvem em escala mundial, adquirem preeminência sobre as relações, processos e estruturas que se desenvolvem em escala nacional. O pensamento científico, em suas produções mais notáveis, elaborado primordialmente com base na reflexão sobre a sociedade

Os recursos limitados

Apostaram os marxistas na crise de valorização como limite sistêmico da sociedade industrial-capitalista, confrontaram-nos os ecologistas com uma outra visão não menos assustadora. A sociedade industrial, assim Meadows e os seus colegas, confrontariam-se dentro de poucas décadas com os limites do seu crescimento por causa do esgotamento dos recursos naturais.¹⁰

E realmente existem alguns fatos que não podemos negar. As reservas mundiais de petróleo, por exemplo, alcançavam, em 1991, 999,1 bilhões de barris (1 barril corresponde 159 litros). Relacionando esse valor com o consumo anual de 60317 milhões, podemos calcular o esgotamento das reservas mundiais para o ano 2036. Subentende-se que esses valores estatísticos variam com os resultados da prospecção, que por sua vez recebe seus estímulos do preço variável do petróleo cru no mercado mundial. Mas, também admitindo a multiplicação dos valores citados, chegaremos um dia, impreterivelmente, ao fim da exploração do petróleo, se o seu consumo continuar no ritmo atual. O mesmo vale para o gás natural ou o carvão mineral, que segundo as estatísticas vão ainda durar 41 anos (gás) e 230 anos (carvão) ou para qualquer outra *ilha de sintropia*.

Porém o mundo econômico reagiu com toda força, quando ele recebeu através dos elevados preços, ditados pela OPEC, o sinal da diminuição da disponibilidade barata do petróleo cru no mercado mundial. A partir de 1973-74 - a primeira crise de petróleo - os países importadores de petróleo cru dobraram seus esforços, tanto na prospecção e exploração de novos poços, quanto no desenvolvimento de tecnologias novas para substituir ou diminuir o consumo de petróleo. O desenvolvimento das usinas nucleares e o uso de energia elétrica oriundos destas usinas, foi em termos econômicos uma estratégia bem sucedida dos países do *top of the ranking* esticar os limites de sua dependência do petróleo. O programa pro-álcool do Brasil alcançou o mesmo objetivo com outros meios. Hoje indicam os preços no mercado de petróleo, que são relativamente baixos, ironicamente abundância deste recurso natural não-renovável. Mas nos sabemos, que todas as manobras tecnológicas, econômicas e até militares, não podem anular o fato de que o petróleo existe de forma limitada na terra. Isto não quer dizer que o fim da sociedade industrial, que já desenvolve elementos novos que não são mais industriais, chega de forma automática com o fim de um determinado recurso não-renovável. Porém a finitude dos recursos naturais não-renováveis, significa um limite insuperável para certas práticas produtivas e certas maneiras de consumir.

nacional, não é suficiente para apreender a constituição e os movimentos da sociedade global.” Assim Octavio Ianni (1994) *Globalização: Novo Paradigma das Ciências Sociais*. Estudos Avançados, 8 (21), 1994, São Paulo, p.147

¹⁰ Donella H. Meadows, Dennis L. Meadows, Jorgen Randers, William Behrens (1972) *The Limits to Growth*, New York, Universe Books; vinte anos depois deste relatório ao Clube de Roma, publicaram os mesmos autores *Beyond the Limits*, Post Mills, Vermont: Chelsea Green Publishing

Racionalização Parcial

Habermas introduz o conceito da *racionalização parcial*, partindo da constatação de que o capitalismo caminhou para uma racionalização não-equilibrada da economia e da administração aos custos das outras esferas vitais. A racionalidade administrativa e econômica ocupou as formas expressivas e morais-práticas de racionalidade (Habermas, 1988:259). Esta argumentação tem a vantagem de oferecer um instrumento para entender os desequilíbrios na sociedade global na base de uma racionalização parcial de setores parciais. Não mais confrontam-se *ratio* e *irratio*, mas racionalizações parciais que criam certas ordens, causando assim processos desequilibrados, que mostram todas as características de desestruturação e do caos eco-sócio-econômico.

A vantagem é que os processos de racionalização parcial e, também, os processos de ordem e desordem que os acompanham ganham um status de inteligibilidade. As análises que partem somente da racionalidade ocidental, chegam de forma necessária ao ponto onde elas *não entendem mais o mundo*. O mundo entendível é exatamente esse que corresponde ao nosso horizonte racionalizado. A racionalidade parcial ganhou uma suposta universalidade por causa do seu sucesso imbatível - e com força destrutiva em relação aos outros tipos de racionalização - desde o surgimento das ciências modernas e da revolução industrial. Mas as primeiras sociedades industriais formadas na Inglaterra, na França e na Alemanha realizaram um projeto parcial de uma herança mais abrangente. Este projeto parcial apoiando-se na racionalização parcial de processos técnicos e econômicos traiu, assim, o iluminismo e particularizou a razão universal, pois a racionalização ficou parcial mesmo em relação às sociedades ocidentais. As estruturas dissipativas, i.e. não equilibradas, que ela gerou, explodem nos conflitos internos e nas confrontações entre as potências territoriais na Europa, entre 1914 até 1918 e 1939 até 1945.

O racionalismo *ocidental* se manifestou essencialmente como racionalismo da empresa capitalista e do exército moderno. Ambos funcionam só, como Weber mostrou, na base da ascensão intramundana e do trabalho profissional ininterrupto (Weber, 1985). Nós somos testemunhas da expansão deste padrão de racionalidade que provoca a impressão de ocidentalização, onde o que existe é na verdade um processo de aplicação da racionalidade parcial no processo de economização de todas as esferas da sociedade. A oposição de numerosas elites nas regiões não-européias e não-americanas contra a suposta ocidentalização virou necessariamente um processo contraditório, porque essas elites apostaram ao mesmo tempo na força modernizadora da racionalização parcial. Não é o Ocidente que destrói o equilíbrio do leste ou do sul, mas uma razão, que - como sendo parcial - não pode produzir *per definitionem* um desenvolvimento harmônico.

Limites internos

A constatação da elasticidade da sociedade burguesa pelo já citado *revisionista* Eduard Bernstein, mostrou um alto grau de realismo, se lembramo-nos do percurso da história real nos últimos cem anos. Nem o princípio da valorização do valor, analisado por Marx, foi inviabilizado nem encontrou na sociedade industrial-capitalista um obstáculo na forma de uma alternativa viável e duradoura. E também, muito menos provável do que entre 1905 (primeira revolução russa) até 1917/18 (revolução de outubro na Rússia e revolução de novembro na Alemanha) que um levante internacional das massas assalariadas impõe uma outra lógica a sociedade global emergente.

Já estamos dentro da *gaiola de ferro*, que o Weber previu como resultado de uma corrente infinita de racionalizações? Chegou *o brave new world* de Huxley: um mundo modernizado mas, completamente manipulado? Terminou a história simplesmente com a vitória da burguesia e o colapso definitivo do proletariado? Ou, ainda pior, definem os *limites dos recursos naturais não-renováveis* (Meadows) o fim do *fordismo fossilístico* (Altvater) e condenam a sociedade industrial com *necessidade histórica* (Hegel) a uma implosão igual ao fim do *socialismo dos quartéis* (Kurz)?

Referências:

Bernstein, Eduard (1973) *Die Voraussetzungen des Sozialismus und die Aufgaben der Sozialdemokratie* (As pré-condições do socialismo e as tarefas da socialdemocracia). Bonn, Bad Godesberg: Dietz

Meadows, Donella et al. (1992) *Beyond the Limits*, Post Mills, Vermont: Chelsea Green Publishing.

Meadows, Donella. Dennis L. Meadows, Jorgen Randers, William Behrens (1972) *The Limits to Growth*, New York, Universe Books.

Grossmann , Henryk (1929) *Das Akkumulations- und Zusammenbruchsgesetz des kapitalistischen Systems* (A lei da acumulação e do desmoronamento do sistema capitalista). Leipzig: Hirschfeld.

Kurz, Robert (1992) *O colapso da modernização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra

Luxemburg, Rosa (1899) *Sozialreform oder Revolution* (Reforma Social ou Revolução). Leipzig

Manteiga, Guido (1984) *A Economia Política Brasileira*. Petrópolis: Vozes.

Octavio Ianni (1994) *Globalização: Novo Paradigma das Ciências Sociais*. Estudos Avançados, 8 (21), São Paulo, 1994.

Prebisch, Raul (1950) *El Desarrollo Económico de America Latina y Algunos de sus Principales Problemas*. Nações Unidas, New York.

Weber, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.

Weber, Max (1922) *Wirtschaft und Gesellschaft* (Max Economia e Sociedade)

Weber, Thadeu (1993) *Hegel - Liberdade, Estado e História*. Petrópolis: Vozes, p.17-40